

## CARBONÁRIOS E REPUBLICANOS DE CASCAIS: ASCENSÃO E QUEDA DE UM REGIME

### **TEMÁTICA**

Cascais e a Implantação da República (1910)

### **UNIDADE CURRICULAR**

Factos e momentos decisivos para a história de Cascais e/ou de Portugal

### **INTRODUÇÃO**

A 13 de janeiro de 1908, os barbeiros António Ferreira Baeta, António de Almeida e Emídio Francisco de Almeida; o caixeiro António Joaquim Novais Teixeira; o cortador Josué Augusto de Melo; o farmacêutico Artur Augusto Brandão e o proprietário António Sacavém fundaram na Parede, num sótão do armazém de João José Dinis, a Comissão Republicana do Concelho de Cascais. Seria, assim, a partir desta localidade – moldada desde há muito pela atividade de pedreiros e canteiros, cuja consciência socioprofissional cedo conduziu ao triunfo do movimento associativo – que se asseguraria a propagação dos ideais republicanos pelo concelho.

A campanha contou com o apoio de algumas das mais emblemáticas figuras do Partido Republicano Português, que se instalariam na “nova” Parede, idealizada por José Nunes da Matta, entre o caminho-de-ferro e o oceano. Foi, pois, desta terra de republicanos que saiu, a 5 de outubro de 1910, o cortejo que levou as novas da implantação do novo regime até Cascais, liderado por João José Dinis, o novo Administrador do Concelho, então acompanhado pelas bandas da Sociedade Musical União Paredense e da Sociedade União Capricho Carcavelense, atual Sociedade Recreativa Musical de Carcavelos.

### **DESCRIÇÃO**

No dia 5 de outubro de 1910 o rei D. Manuel II, então ainda com 20 anos, foi forçado a abdicar ao trono de Portugal, rumando ao exílio. A revolução que impôs a República encontrava os seus fundamentos nos anseios dos republicanos que, por intermédio de ativa propaganda, se obstinaram em promover uma ideologia que se afigurava como a panaceia para a resolução do problema da estagnação económica, do endividamento e dependência externos e do aumento da emigração. A derrocada do rotativismo político, catalisada pelas dissensões internas dos partidos monárquicos dominantes, permitiria, assim, a implantação da República sem grande oposição.

As novas da revolução em Cascais traduzem a forma como se processou a transição aguardada, ainda que agendada *sine die*, como o atesta a notícia editada a 17 de outubro no semanário republicano *A Voz do Povo*, em que se anota:

«Na noite de segunda para terça-feira [de 3 para 4 de outubro de 1910] concentraram-se os populares revoltosos em Carcavelos esperando a hora de entrarem em serviço revolucionário. À uma hora da madrugada tomaram o cabo submarino e cortaram as comunicações terrestres. Na terça-feira à tarde um ajudante de D. Afonso quis passar um telegrama para o estrangeiro, que os revoltosos não consentiram fosse transmitido. Na quarta-feira de manhã [dia 5], a notícia da vitória foi ali recebida e em todas as povoações das nove às dez horas da manhã. Houve muitas manifestações em todas as localidades, tendo-se queimado 50 dúzias de foguetes. Foram içadas as bandeiras republicanas no Campo Entrincheirado, S. Julião da Barra e Forte Duque de Bragança. O capitão Rosado da artilharia de S. Julião da Barra foi o primeiro a pedir a bandeira para Cascais e ao hastear houve toques de clarins, prestando ele com os soldados todas as honras devidas e levantando vivas às novas instituições».



Grupo revolucionário de Cascais, que na noite de 3 para 4 de outubro tomou a estação do Cabo Submarino, em Carcavelos, cortando as comunicações terrestres com Lisboa e isolando-a do estrangeiro  
Veja a [imagem](#) no Flickr

Quando o iate *Amélia* levantou ferro da baía de Cascais para conduzir o Infante D. Afonso até à Ericeira, onde a Família Real embarcaria com destino ao exílio, já a bandeira verde e rubra se encontrava pronta para ser içada na Cidadela, pela mão de D. Fernando Castelo Branco, que após esse ato resignou ao cargo de Administrador do Concelho. Seria sucedido por João José Dinis, destacado líder republicano local, que se deslocou até à vila, a fim de proclamar o novo regime à janela dos paços do concelho. Designou,

então, como seu secretário o carbonário e republicano Emídio Francisco de Almeida, que já desempenhava as mesmas funções na Comissão Municipal Republicana, fundada na Parede, no ano de 1908.



Os chefes dos grupos de Cascais, Estoril, Parede e Carcavelos, com Emídio Francisco de Almeida, líder do movimento revolucionário no concelho de Cascais, ao centro.

Veja a [imagem](#) no Flickr

Introduzir-se-iam, desde logo, mudanças ao nível toponímico, eliminando-se os nomes associados ao antigo regime e homenageando-se o 5 de outubro, a República, a Revolução e o 31 de janeiro [de 1891] e ainda republicanos ilustres, como Cândido dos Reis, Miguel Bombarda, Heliodoro Salgado ou José Elias Garcia, que disputaram os nomes das avenidas, ruas, passeios e esplanadas do concelho. Deliberar-se-ia, também, mandar retirar todas as coroas existentes em edifícios municipais.

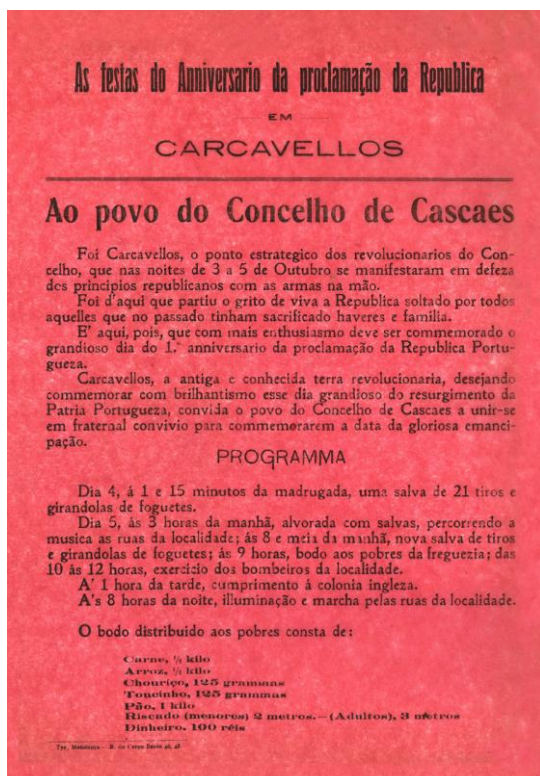
A I República manteve-se até ao ano de 1926, num clima de instabilidade política que se traduziu em governos efémeros e na incapacidade de executar a maioria das reformas de fundo a que se propusera, acelerado pelo fracionamento do Partido Republicano Português. Não obstante, Cascais conservou o seu estatuto de rainha das praias portuguesas, na sequência do impulso propiciado pela estada sazonal da Corte e dos seus seguidores, agilizado pelo ramal ferroviário, que se assumira, desde 1889, enquanto o mais poderoso instrumento de desenvolvimento do concelho. Na verdade, à estada dos monarcas sucedeu, mesmo, a de alguns presidentes da República.



A Praça D. Luís I, em Cascais, passaria a designar-se Praça 5 de Outubro. A Coroa que encimava a esfera armilar dos antigos Paços do Concelho, sob o relógio, foi, então, derrubada. O mesmo sucederia na Escola Monumento de D. Luís I, também em Cascais, depois apelidada Escola Latino Coelho, onde se instalaria o Centro Escolar Almirante Reis, fundado pelos republicanos ainda antes da implantação do novo regime

Veja a imagem [esquerda](#) e [direita](#) no Flickr

Temendo a eventual perda das colónias, o novo regime anteviu na Grande Guerra a possibilidade de, em nome dos interesses nacionais, garantir o seu reconhecimento de facto, pelo que Portugal ingressou oficialmente no conflito internacional em 1916. No ano seguinte já desembarcavam em França os primeiros contingentes do Corpo Expedicionário Português, entre os quais constavam alguns soldados nascidos em Cascais. O esforço de guerra esteve, também, na origem de uma dramática escassez de géneros, de que o concelho se ressentiu, nomeadamente ao nível do abastecimento do pão, base da alimentação da época.



Programa dos festejos em Carcavellos do aniversário da República, 1911

Veja a [imagem](#) no Flickr

A «República Nova» do Major Sidónio Pais, em 1918 – ano marcado pela mortandade causada pela gripe pneumónica, que em Cascais levou, pelo menos, 91 pacientes ao Hospital da Santa Casa da Misericórdia – não completaria o seu primeiro aniversário, sucedendo-lhe uma gravíssima crise, marcada, no ano seguinte, pela proclamação da monarquia no Porto e em Lisboa. Porém, a reposição da «República Velha» não sanou a crise, que antes se agravou por intermédio de constantes revoltas e se traduziu no aumento da inflação, da corrupção e da violência. O regime e os líderes republicanos encontravam-se fatalmente maculados perante a opinião pública, soçobrando a 28 de maio de 1926, quando o general Gomes da Costa se revoltou em Braga e marchou sobre Lisboa.

Ao longo deste período a estada sazonal em Cascais democratizou-se, ainda que o desenvolvimento da região se ressentisse da instabilidade política, sobretudo no que concerne ao ambicioso projeto de urbanização do Estoril enquanto centro turístico de dimensão internacional, impulsionado por Fausto Cardoso de Figueiredo, a partir de 1914. A vila manteve, pois, o seu protagonismo, atraindo cada vez mais visitantes, pelo que, em julho de 1925, a imprensa noticiava que «aos domingos tem já o movimento de uma grande cidade».

### OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

Contextualizar a participação de Cascais na preparação da revolução republicana.  
Identificar as múltiplas dimensões do republicanismo no concelho.

### RECURSOS

Álbum [Carbonários e republicanos de Cascais: ascensão e queda de um regime](#) de *Cascais em Imagens* (Flickr)

Rota da [Parede Republicana](#) (ficheiro PDF)

### FICHA DE EXPLORAÇÃO

1. O texto que se segue, retirado da ficha de conteúdos que acabaste de ler, tem quatro erros, descobre quais:

«Na noite de segunda para terça-feira [de 3 para 4 de outubro de 1910] concentraram-se os populares tumultuosos em Carcavelos esperando a hora de entrarem em serviço reacionário. À uma hora da madrugada tomaram o cabo sobremarino e cortaram as comunicações terrestres. Na terça-feira à tarde um adjunto de D. Afonso quis passar um telegrama para o estrangeiro, que os revoltosos não consentiram fosse transmitido.»

---

---

---

---



2. Com a implantação da República a Escola Monumento D. Luís I deixou de ter este nome, passando a chamar-se:

---

---

3. Descubra se na localidade onde vives houve alguma alteração do nome das ruas ou dos edifícios aquando da passagem da monarquia para a república.

#### PARA SABER MAIS

CARDOSO, Guilherme - Um grupo de revolucionários de Alcabideche na 1.ª República. In *Boca do Inferno: revista de cultura e pensamento*. Cascais: Câmara Municipal. ISSN 0873-223X. N.º 4 (Jul. 1999) p. 42-52

Consulte [aqui](#) a disponibilidade da obra nas Bibliotecas Municipais de Cascais

HENRIQUES, João Miguel - *Cascais: do final da monarquia ao alvorecer da República* (1908-1914). Lisboa: Colibri; Cascais: Câmara Municipal, 2001. 214, [1] p., [16] f. il. ISBN 972-772-268-7

Consulte [aqui](#) a disponibilidade da obra nas Bibliotecas Municipais de Cascais

\_\_ A Escola Nova em Cascais: directrizes de um projecto republicano de renovação do sistema de ensino: (1909-1913). In *Boca do Inferno: revista de cultura e pensamento*. Cascais: Câmara Municipal. ISSN 0873-223X. N.º 8 (Jul. 2003) p. 99-122  
Consulte [aqui](#) a disponibilidade da obra nas Bibliotecas Municipais de Cascais

\_ *1910-1926: a República em Cascais*. Cascais: Câmara Municipal, D.L. 2010. 21, [1] p. ISBN 978-972-637-237-0  
Consulte [aqui](#) a cópia pública da obra nas Bibliotecas Municipais de Cascais

HENRIQUES, João Miguel; SEQUEIRA, Margarida - *1914-1918: Cascais na I Guerra Mundial: cronologia*. [Cascais: Câmara Municipal, 2014]. 207 p. ISBN: 978-972-637-268-4  
Consulte [aqui](#) a cópia pública da obra nas Bibliotecas Municipais de Cascais

MIRANDA, Jorge - Parede: um bastião republicano no concelho de Cascais. In *Arquivo de Cascais: boletim cultural do município*. Cascais: Câmara Municipal. ISSN 0871-7834. N.º 12 (1996) p. 81-88  
Consulte [aqui](#) a cópia pública da obra nas Bibliotecas Municipais de Cascais

OLIVEIRA, César – A república e os municípios. In *História dos municípios e do poder local: dos finais da Idade Média à União Europeia*. [Lisboa]: Círculo de Leitores, imp. 1996. p. 179-241.  
Consulte [aqui](#) a disponibilidade da obra nas Bibliotecas Municipais de Cascais